

MAESTRI, Mário

A segunda morte de Castro Alves: genealogia crítica de um revisionismo

2ª ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011 (Coleção Maungo 19, 176p.)

Antônio de Castro Alves não vai bem de saúde. Sobre ele, em forma lenta, estendeu-se cortina de silêncio, espécie de véu do esquecimento. Atualmente, afirma-se que a poesia do nosso mais conhecido vate ressentido a usura dos tempos, tornando-se, na forma e conteúdo, discurso estranho aos nossos dias. Avança-se que ela registra apenas sentimentos de época que, de tão distante, torna-se uma desconhecida. Diz-se que a sua leitura da escravidão expressaria o olhar temeroso dos escravizadores, e não dos escravizados.

Em 1997, quando do sesquicentenário de seu nascimento, pouco se fez, pouco se falou, pouco se discutiu sobre o mais dileto filho da Bahia. O inosso transcurso da celebração comprovaria: Castro Alves, junto com o espartilho, o rapé e a polca, faria parte das antigualhas de passado longínquo que nos causam apenas difusos sentimentos de nostalgia por época definitivamente superada. Também o transcurso dos 140 anos de sua morte, em 6 de julho de 2011, passou sem registro.

Transcendendo ao seu tempo, quando arte, a poesia registra experiências e sentimentos profundos do mundo que a produziu. O poeta, ao apreender poderosamente facetas de sua época, enriquece o conhecimento dos coevos sobre a experiência humana passada, iluminando também o presente. Um vate morre apenas quando pouco ou quase nada diz de essencial aos seus novos leitores. Nos últimos trinta anos, estudamos a escravidão colonial, com ênfase no trabalho e resistência dos trabalhadores

escravizados, já que foi assim que pejaram nossa história. Tal empenho levou-nos a estudar a literatura brasileira dos Oitocentos, em busca de subsídios sobre as estruturas sociais e ideológicas de então. Foi assim que relemos Castro Alves, poeta que nos encantara quando adolescente. Com surpresa, encontramos nas suas poesias os grandes temas da resistência servil; justicamento dos amos; autocídio; infanticídio; quilombos, etc.; que a historiografia da escravidão brasileira apenas abordara, sistematicamente, nos anos 1970, para, logo, tornarem-se, nos anos 1990, temas marginais da investigação. (há dois complementos de tempo? logo e nos anos 1990? coloca juntos ou tira um)



Impressionou-nos a virulência com que anatematizara a ordem negreira e o verdadeiro prazer com que cantara a revolta e o ato de sangue do cativo sublevado, em época em que a escravidão dominava o país! Sua poesia apresentou-se como singular paradoxo, ao destoar de quase toda a produção literária ficcional em prosa e verso da época. Procuramos explicação nos estudos sobre a literatura brasileira do século 19.

Constatamos que, em forma geral, a crítica especializada abordava essa poesia sem contextualizá-la e, comumente, ignorando os avanços da historiografia que valorizam e iluminam a leitura poética de Castro Alves da sociedade negreira. Maior foi nossa perplexidade ao constatarmos que, comumente, esses estudos negavam radicalismo à poesia castroalvina, apresentando-a como visão de membro da classe pudente. Chegavam, assim, a leituras radicalmente opostas às nossas, sobre a mesma produção.

A indiferença e a ignorância da crítica literária para com a historiografia não explicam tais avaliações. Atualmente, é significativo o revisionismo historiográfico

apresentando a sociedade escravista como mundo em que os cativos viveram condições de existência quase apazíveis: comiam bem, trabalhavam pouco, impunham suas razões aos escravizadores, etc. Ambos movimentos desconhecem, nos seus domínios, a resistência dos cativos como elemento essencial do passado do Brasil.

Estudo mais sistemático sobre o tema, para conferência no talvez único seminário que registraria no RS o sesquicentenário do nascimento do poeta [sintomaticamente suspenso] levou-nos a aprofundar a investigação e lançar, em 2000, pela UPF Editora, *A segunda morte de Castro Alves: genealogia crítica de um revisionismo*, contribuição de historiador da escravidão à

necessária retomada do debate sobre a obra de Castro Alves. Procuramos fundamentalmente traçar genealogia crítica do revisionismo empreendido sobre o sentido social da poesia de Castro Alves.

Também em homenagem a intelectual brasileiro que pautou sua breve vida sob o signo da integridade intelectual e moral, estamos relançando esse estudo, há muito esgotado, como 19º título da Coleção Malungo, da UPF Editora, em versão corrigida e ampliada, quando se celebram os 140 anos de sua morte. [MÁRIO MAESTRI]

Fonte:

<http://historiaupf.blogspot.com/2011/07/segunda-morte-de-castro-alves.html>, 25/07/2011.